

**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

**A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES DA REVOLTA CAMPONESA DE FORMOSO E
TROMBAS: COMBATENTES E GUERREIRAS - PIQUETE DE MULHERES NO
CÓRREGO DO SAPATO**

Neilson S. Mendes 54
neilson.mendes@gmail.com
Sandra Mária de C. Ribeiro⁵⁵

RESUMO

Este trabalho expõe uma síntese da histórica luta pela terra em Goiás, enfatizando a luta entre camponeses e grileiros em Formoso e Trombas. Todavia, a atuação das mulheres naquele conflito é o nosso objeto. Buscamos, portanto, evidenciar o envolvimento de camponesas e de uma militante do PC (Partido Comunista) num espaço historicamente definido como masculino. Algumas mulheres superaram os papéis definidos pelo sexo. Assim, buscamos de algum modo trazer aquelas mulheres para a escrita da História.

PALAVRAS-CHAVE: Conflito, resistência, mulher e gênero.

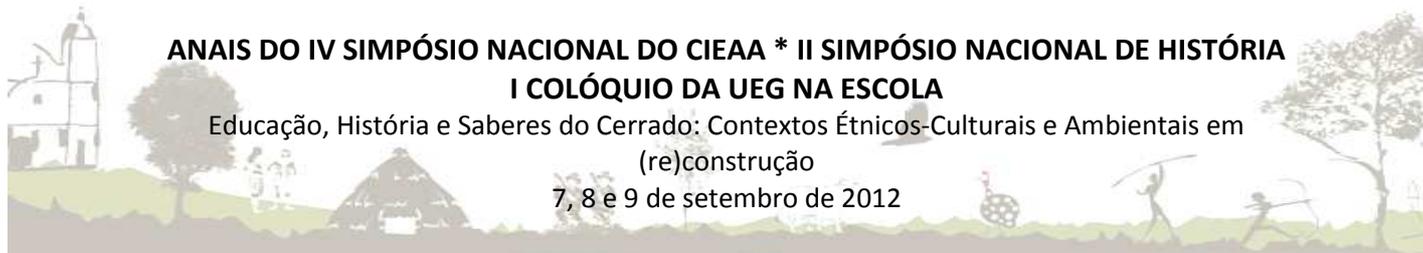
APRESENTAÇÃO

Este trabalho avalia a **atuação das mulheres na Revolta Camponesa de Formoso e Trombas**, em Goiás no período de 1950 a 1967. Este trabalho foi motivado por se notar a ausência feminina na história da revolta camponesa de Formoso e Trombas. Para tentar encontrar uma resposta para essa ausência, lançamos um olhar sobre o estudo de Gênero.

Nós procuramos encontrar respostas sobre a participação de camponesas no conflito. Pois, em geral o homem protagoniza a escrita da história; mesmo quando a presença da mulher é evidente nos eventos históricos.

⁵⁴ Neilson Silva Mendes, é professor na Universidade Estadual de Goiás

⁵⁵ Sandra Mária de C. Ribeiro, licenciada em História pela Universidade Estadual de Goiás.



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

Em razão disso, resolvemos investigar a presença das mulheres num conflito cuja historiografia não, privilegiando o homem. Em especial no caso de Formoso e Trombas, onde não acontecia uma guerra nas trincheiras distantes, mas as famílias defendiam sua propriedade e suas vidas no quintal de suas casas, em um contexto como esse, é difícil imaginar a omissão das mulheres.

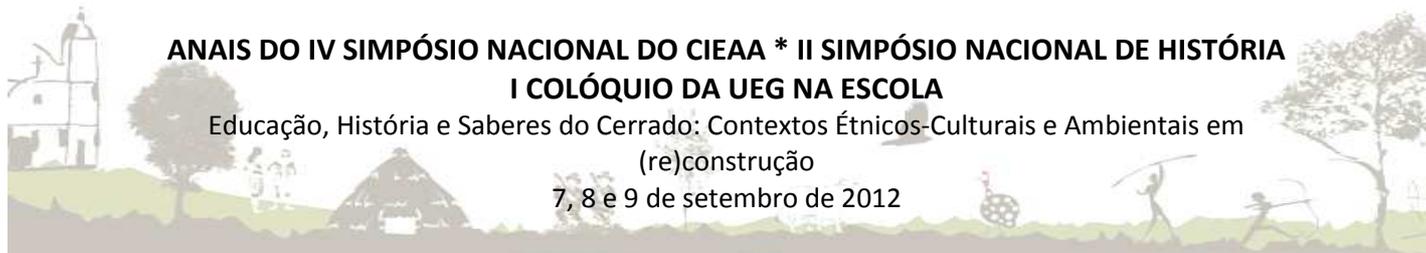
Importa salientar que a Revolta Camponesa que se desenvolveu no norte de Goiás, nas cidades de Formoso e Trombas, representou segundo José de Souza Martins “a maior luta camponesa, a mais duradora e, provavelmente, a mais organizada experiência de luta camponesa na história contemporânea do Brasil”. (1981, p 215).

O nosso intento é contribuir com a escrita da história, com especial atenção para o grupo cujas experiências históricas ficam muitas vezes subsumidas numa historiografia que, apesar dos avanços no campo do estudo de gênero, ainda carece de maior atenção.

Entretanto, a pesquisa oral foi o desafio maior a ser superado, especialmente pelas dificuldades que os entrevistados ainda têm ao falar sobre o assunto. Foram duas viagens à região de Formoso e Trombas e uma viagem a Goiânia, para a realização das várias entrevistas, e conversas não gravadas as quais contribuem para a realização desse trabalho.

O recurso à fonte oral, além de uma necessidade metodológica, surge como método privilegiado para o tipo de trabalho que resolvemos desenvolver, pois possibilita novas versões da história e múltiplos e diferentes narradores. Dessa forma, ela permite estruturar a história a partir das próprias palavras daqueles que vivenciaram e participaram de um determinado período, através de suas referências e também de seu imaginário.

1.1- Mulheres no Combate Armado



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

Tratar da participação das mulheres nos combates armados da Revolta Camponesa de Formoso e Trombas, entre os anos de 1950-1967 é salutar, pois algumas delas tiveram participação significativa no conflito, (a luta pela terra entre camponeses e fazendeiros), porém, ainda hoje, pouco se sabe sobre essa atuação.

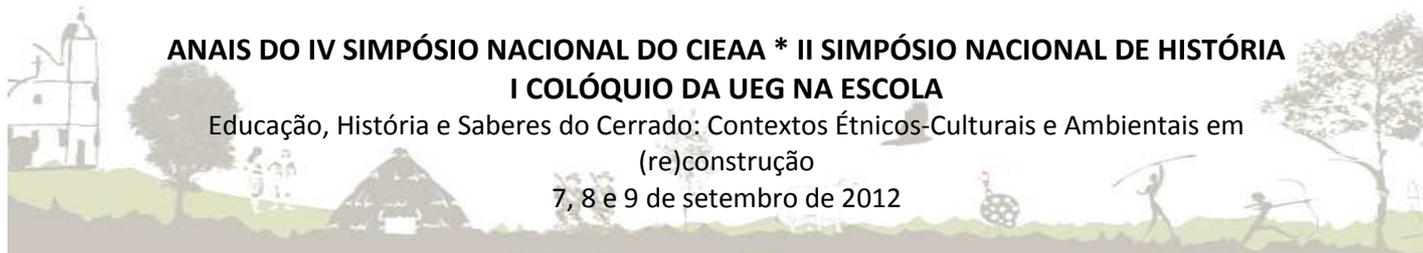
Pelo que estudamos até o momento, há um silêncio na história sobre a trajetória dessas mulheres, são poucas as referências sobre a atuação delas. Neste trabalho buscamos, portanto, fazer uma análise do material levantado na pesquisa bibliográfica, documental e oral.

Estamos em busca de gestos e de formas de atuação ao longo da revolta. Nessa procura encontramos mulheres dando suporte à luta armada, inclusive, apresentamos nesse artigo os indícios de participação direta dessas mulheres na batalha denominada por “piquete do Córrego do Sapato”.

Citamos, porém a presença da mulher em outro importante acontecimento no Brasil, A Coluna Prestes e como as de Formoso e Trombas, também não tem o devido destaque na historiografia, como mostra Maria Meire Carvalho:

A presença das mulheres junto à tropa conseguiu alterar alguns hábitos rígidos da disciplina militar. Elas ‘quebravam o clima inóspito’, próprio de combates de guerrilha; carregando armas e munições, elas deslocavam para os campos de batalha, onde atacavam e defendiam suas vidas e dos rebeldes.(2003, p.675-676)

Revisar a história da participação das mulheres em combates é perceber que as mulheres juntamente com os homens, formavam um conjunto de resistência, pois elas demonstravam serem guerreiras destemidas e corajosas frente aos reveses e sofrimento que a guerra impunha.



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

Carvalho mostra que as mulheres “guerreiras” desafiaram inclusive o líder revolucionário da Coluna Prestes, Luís Carlos Prestes ao ingressarem no movimento:

Quando as forças rebeldes gaúchas deixaram o Rio Grande e seguiram rumo ao Paraná para o encontro com os rebeldes paulistas, que ali resistiam as forças governistas, um fato intrigou o capitão Luís Carlos Prestes: na travessia do Rio Uruguai, um grupo de mais de vinte mulheres que haviam aderido à Coluna em São Luís Gonzaga e Santo Ângelo(RS), apesar de serem proibidas de permanecer junto à tropa rebelde, teimavam em acompanhá-los na marcha de retirada.(2003, p.673)

Elas estiveram presentes e tiveram participação nos principais acontecimentos de nossa história, mas ainda não tem o devido espaço na produção historiográfica. Essa realidade está sendo mudada nas últimas décadas para Soihet: “a grande reviravolta da história nas últimas décadas, debruçando-se sobre temáticas e grupos sociais até então excluídos do seu interesse, contribui para o desenvolvimento de estudos sobre as mulheres”. (1997, p. 275)

Nesse aspecto, temas sobre as experiências das mulheres passaram a ser explorados como novas áreas de pesquisa, levando-se em conta que essas experiências eram ignoradas ou mencionadas como bem afirma Matos (2002) apenas de passagem.

As “guerreiras” de Formoso e Trombas confirmam isso, pois já nos anos de 1950, elas rompiam com padrões de comportamento tornando-se agentes de sua própria história. Nesse particular, as mulheres que combateram em Formoso e Trombas romperam paradigmas, pois ocuparam lugares antes ‘destinados’ só aos homens. elas não usurparam o lugar dos homens, nem tão pouco os substituíram, apenas assumiram com a devida consciência o seu lugar na história.

A pertinência desse estudo se dá primeiramente para dar visibilidade histórica a essas mulheres, um trabalho de mapeamento, levantamento e catalogação de nomes, ações diretas e



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

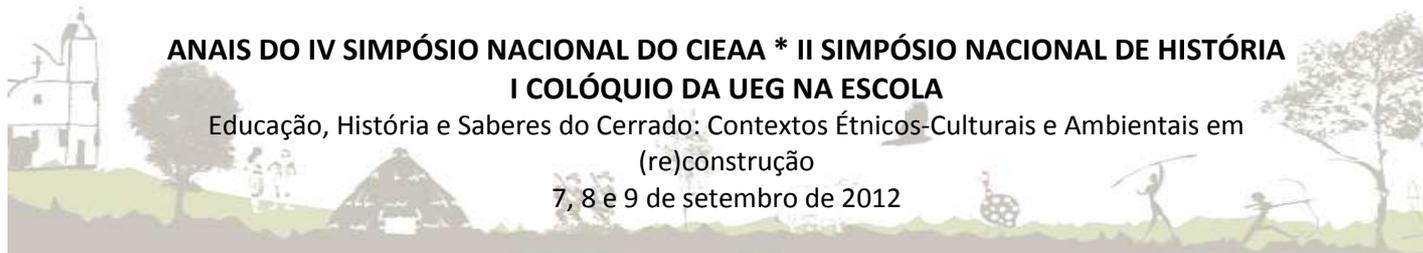
indiretas no conflito, pois até o momento elas são mulheres sem nome na historiografia goiana. No entanto, não concebemos essa História como algo que venha a sanar lacunas existentes, pois, as próprias discussões teóricas explicam sobre as escolhas na escrita da história e na construção dos atores sociais.

Dona Dirce apresenta sua versão para os fatos que a ligam ao conflito do Norte de Goiás sua história de combatente não se inicia, segundo ela mesma em Trombas ou Formoso:

Eu era meninota de uns 12 anos, e um livro me chamou a atenção: O Cavaleiro da Esperança”, ai eu peguei esse livro e escondi no meio do paiol de milho, levei pra casa, minha mãe não queria que eu lesse o livro. Por que eu chorava muito, eu não acreditava que aquele homem existia pra resistir a tanta barbárie. Eu saia, deixava uma lamparina apagada atrás do paiol. Saia de noite, de madrugada, todo mundo dormia e eu ia pra lá, acendia a luz e ai lia o livro. E um dia passa um homem lá no nosso rancho[...] ai ele distribuiu uns panfletos jornalinhos “Terra Livre”, na primeira página dizia o aniversário do Cavaleiro da Esperança. E aquela foto do livro, quando eu olhei aquilo, eu perguntei: esse homem existe? Ele falou existe, ai eu desmaiei. [...] Ai meu pai tinha um cafezal de a meia, eles começaram a falar que meu pai ia tomar a fazenda, porque na terra de latifúndio uma mulher pode ser tudo. Pode ser prostituta, ladra, assassina, isso é normal na sociedade. Mas ser comunista era o fim da picada, ai eu fui perseguida aquele troço todo.(Dona Dirce)

Percebemos então, na sua fala – pelo menos é o que Dirce fala sobre si –, que ela torna-se uma comunista sem perceber, pois naquele momento ela não tinha noção do que era ser comunista, mas a partir daí, ela se assumiu como comunista. E juntamente com José Ribeiro e mais dois companheiros Geraldo Marques, João Soares se tornaram o “grupo homogêneo” (Cunha, 2007) que infiltrou no combate pela posse da terra. Com o partido, o movimento ganha uma carapaça doutrinária, orientada pelos preceitos do Partido Comunista.

A participação efetiva e sistemática das mulheres no conflito é descrita a partir da chegada de Dirce Machado na região de Formoso e Trombas. Comunista, ela estabeleceu



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

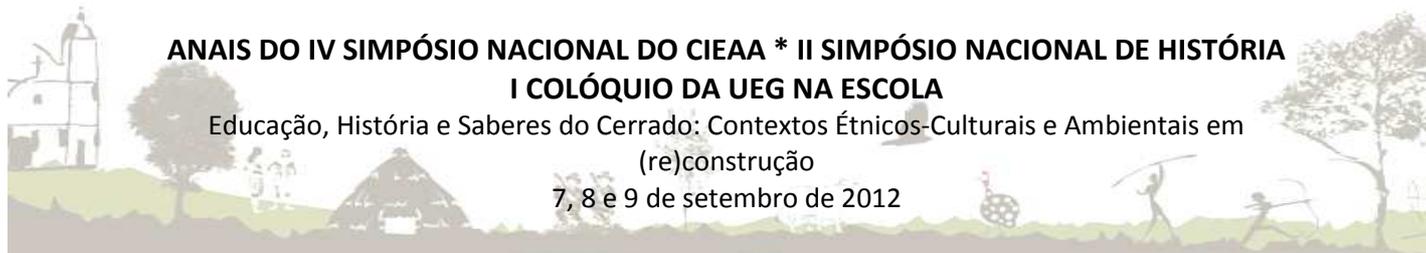
estratégias para influenciar a vida de outras mulheres, sobretudo no exercício de liderança “abrindo as primeiras frestas”, para que a mulher estivesse participando e lutando por seus interesses. Na sua fala ela relata como começou a influenciar as mudanças que ocorreram na vida das mulheres na região do conflito:

Quando eu cheguei lá, eu parecia uma coisa do outro mundo, porque eu vestia diferente, eu cortava o cabelo, eu andava com meu cabelo cortado, as mulheres começaram a querer cortar, começou a briga e dava briga, e dava briga mesmo, e eu montava a cavalo, mas eu montava de saia, eu vestia uma calça, por isso que dizem que eu era uma coisa estranha, mas eles começaram a ver que o jeito de ser era melhor né.(Dona Dirce)

Essa presença peculiar, ativa e firme de Dona Dirce lhes apresentou novos paradigmas, principalmente para as mulheres, conforme foi dito por Dona Joana “a presença da Dirce trouxe umas coisas belas que mudou a cabeça das mulheres dizer que os mesmos direitos que os homens tem, nois tem” isso significava conquista de direitos e espaços, dando a elas um pouco mais de perspectiva, podendo participar das decisões, inclusive dos conselhos de córregos e tornando-as conscientes de sua importância na revolta. Pois como afirma Perrot: “foi preciso o imenso esforço das mulheres para que, no jogo das interações instaurado, esta emancipação fosse efetivamente possível.” (2007, p.487)

A afirmação de dona Joana confirma que houve mulheres de Formoso e Trombas conseguiram esta libertação durante a revolta, pois, seus atos e suas ações durante o embate mostram que isso foi possível. Apesar do vocabulário simples, palavras como opressão, liberdade, igualdade de direitos, são expressa com muita propriedade por elas.

As ações desenvolvidas por Dona Dirce Machado ajudaram a conquistar o povo da região, conforme ela mesma afirmou:



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

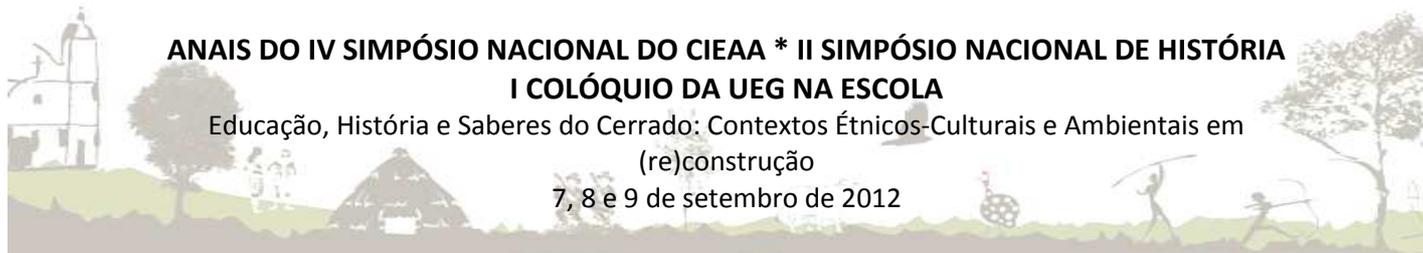
[...] mas como em terra de cego, quem tem um olho é rei eu tinha noção de enfermagem, eu sabia fazer injeção, eu sabia encanar uma perna, fazer parto, eu sabia cortar vestido e costurar, então como eu sou descendente de raizeiro, conheci muitas plantas nos campos e como lá não tinha recurso a gente utilizava tudo isso [...] então eu exercitei esses conhecimentos e aí raizeiro e benzedor todo mundo gosta, então era a forma. (Dona Dirce)

Esses saberes e práticas populares das mulheres como cura com ervas, fazer parto, entre outros saberes aproximou Dona Dirce dos moradores e isso ajudou a ganhar a confiança daqueles/as camponeses/as. Quando perguntada sobre como construía seu discurso ela disse:

Ai a gente foi conversando nas reuniões, eu tomava a palavra, eu falava, ai ficava todo mundo pelos cantos, olhando pelos buracos, as mulheres achavam bom, os homens achavam estranho, e foi assim que a gente foi fazendo.(Dona Dirce)

No momento em que as mulheres vão participando das reuniões dos conselhos de córregos, (nome dados às divisões feitas para organizar a luta), pois devido à região ser muito grande dividiu-a em conselhos para estabelecer estratégias de combate. Elas participam diretamente, adquirindo conhecimento que contribuiu para perceberem quanto a sua participação era importante para aquele movimento. Sobre atuação direta das mulheres nos córregos Dona Dirce diz:

Todos os córregos tinha grupo de mulheres atuantes, porque se o homem estava lá no piquete, quem ia fazer a colheita? Quem ia defender as estradas? [...] as esposas dos que estavam nos piquetes, tinham que angariar comida andando no mato, sem deixar rastro pra cozinhar pra levar pros homens. Uma vez por noite agente cozinhava em lata de óleo de 20 litros, porque não tinha panela, e ai fazia tudo dentro, a mandioca, a abóbora, o arroz, que não tinha carne e quando achava uma carne também a gente cozinhava, botava nas costas e ia levar em determinado ponto, então as mulheres tiveram participação ativa.



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

Isso mostra não só a participação delas no conflito, mas o que as envolvidas consideram como participação, pois tanto na historiografia e na entrevista do Senhor Arão, atividades como colher, defender estradas, por exemplo, não é visto pelos homens como envolvimento no combate, mas todas as entrevistadas consideram e defendem isso como atuação para o bem da resistência, como afirmou Dona Joana “eu garanto que elas faziam mais que eles”.

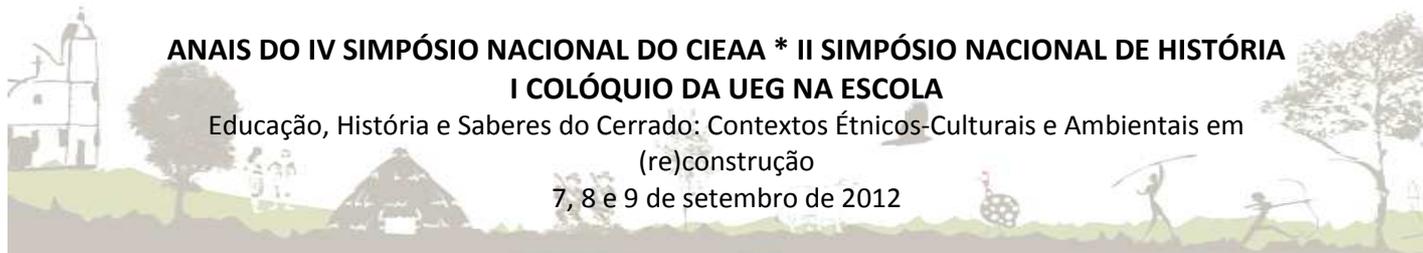
O modelo da sociedade tradicional traduzia um discurso na qual a mulher aparece de forma inexpressiva. Submissa ao marido elas não podiam nem mesmo receber alguém em casa se o marido não estivesse. Segundo Amado “deviam completa obediência aos maridos, [...] e também a um conjunto de regras sociais que lhes proibia ou limitava várias atividades” (1993, p.61)

O conflito possibilitou aquelas mulheres romperem com esses arquétipos. Atuando de forma direta para manterem a defesa de suas terras.

As combatentes identificadas foram: Dirce Machado, Olite Tomaz Tibúrcio, Geralda Marquez, estes nomes citados por José Sobrinho (1997, p. 162). Outros nomes como o de Joana Pereira, Carmina Marinho, Lioniria, Alcinda, Izabel Mateus, Francisca e Ita Carreiro foram citados por Dirce Machado.

Apresentar Dona Dirce Machado como uma líder comunista da Revolta de Formoso e Trombas é atribuir outros significados ao processo histórico, sustentada por contradições culturais, pois como afirma Lauretis:

[...] as mulheres como seres históricos, sujeitos de relações sociais, são motivadas e sustentadas por uma contradição em nossa cultura, uma

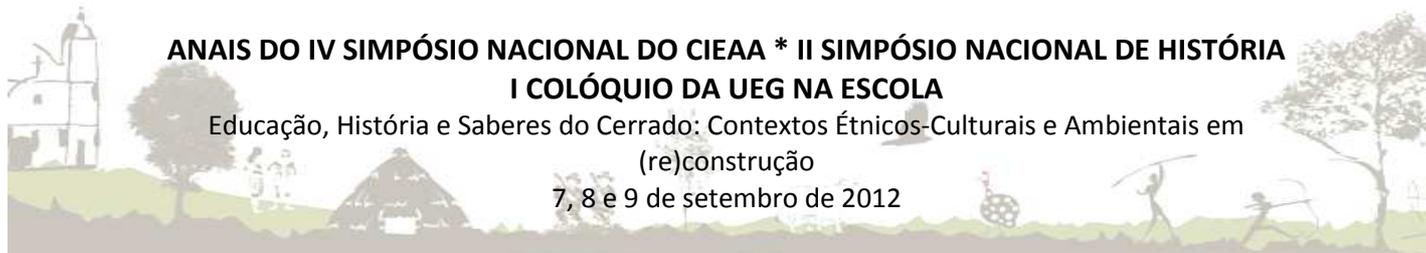


contradição irreconciliável: as mulheres se situam tanto dentro quanto fora do gênero, ao mesmo tempo dentro e fora da representação. (1994, p.218)

Nessa perspectiva, sobre as ações de Dona Dirce Machado. Ela como mulher, estava dentro da representação de gênero, mas, ao mesmo tempo, ela estava fora, pois, como comunista, ultrapassava os rigores da representação de gênero impostos às mulheres naquela época.

As mulheres chegaram a pegar em armas, e desafiaram o líder do movimento, José Porfírio, pois segundo afirmou Dona Dirce, quando mais uma vez lhe perguntei sobre a forma de participação delas no conflito, ela respondeu relatando um fato:

Teve um episódio lá no sapato. Tinha um cara que era como faca de dois gumes, ajudava a associação, era membro da associação, dizia que era membro do partido, mas passava todas as informações para a polícia e agente foi desconfiando. [...] ai ele começou a dizer que quem sabia que a polícia ia entrar na região era eu e uma senhora que já faleceu, a Lioniria, eles falavam que era só nós duas que sabia disso, porque nós queria manter preso o piquete, quando pensamos que não, chegou a turma e depois as armas. Mas esse cara que tava fazendo o leva e traz, tinha ido com o Zé Porfírio lá pra poder mostrar. Ele achava que ia desmascarar a gente, mas a turma chegou antes do horário que ele previa e depois as armas, ai a comadre Lioniria olhou pra eles, assim cara a cara porque era uma velha mesmo de fibra, ai eu tinha pegado uma arma, a filha dela tava buchudona também, então a gente ia dividir em dois piquetes, ai chega o Zé Porfírio. Chegou dando uma de arrogante comigo, eu falei rapaz cala a boca porque aqui é um para o outro, assim como você tem lugar de morrer eu também tenho, você não ouviu o outro lado da história, então escuta pra depois você julgar e aqui ninguém passa por cima de nós não. Ai a comadre Lioniria disse assim: pra desafiar essas mulheres aí buchuda e tudo só se passar por cima do meu cadáver.[...] abaixaram a tampa e a turma tudo pediu pra voltar e conheceu, porque era o único jeito, se deixasse esses piquetes descobertos dava do jeito que eles queriam, esse piquete era o mais importante, antes de Trombas, ai as mulheres não deixou que ficasse descoberto, assim teve outros.



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

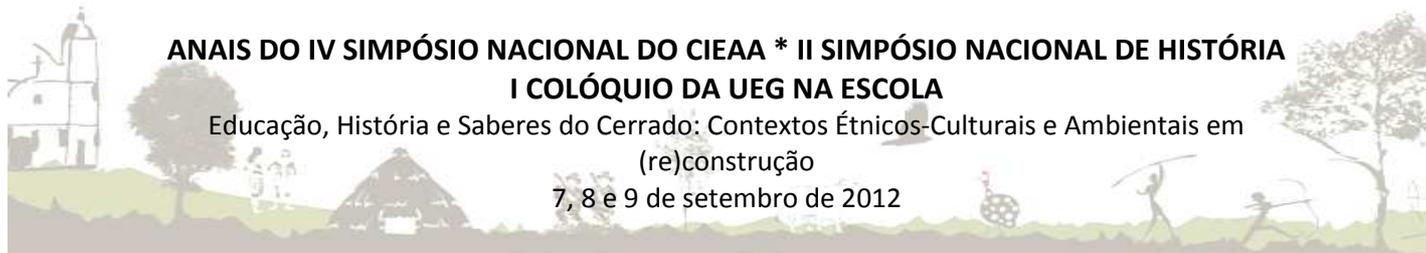
Não perdemos de vista que esses relatos estão sujeitos a construção e reconstrução da memória. De qualquer forma, são esses relatos que nos ajudam visualizar aquele cenário beligerante.

Pegar em armas era visto pelas mulheres como uma forma de autodefesa contra a violência dos grileiros. Pois, estavam desafiando a hierarquia social, pegar em armas é só mais um indicativo da intensidade do envolvimento das camponesas no evento. Como afirmou Dona Joana “a melhor coisa no mundo é lutar consciente.” Levando isso em consideração, podemos dizer que entraram na batalha contra os grileiros e seus jagunços, de corpo e consciência.

1.2 A Resistência Feminina após o Golpe Militar de 1964

Os/as camponeses/as enfrentaram ainda outros inimigos. Num primeiro momento, foram obrigados a enfrentar os grileiros e seus jagunços e logo depois, em 1964, foram perseguidos pelo Exército, durante o Regime Militar. Em 1964, Dona Dirce Machado foi perseguida pelo exército, mas se escondeu nas matas: “Fui presa, mas primeiro corri, fui pro mato, passei um ano e meio dentro da selva, dormia nas locas de pedra, fui picada por uma lacraia na perna, quase perdi a minha perna.”

Resistiu o quanto pode o Regime Militar, como pode ser percebido em sua fala, mas o longo período de duração do Regime Militar não permitiu que Dona Dirce ficasse nas matas tendo que voltar para o rancho, e em 1967 foi presa juntamente com outros companheiros segundo Abreu:



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

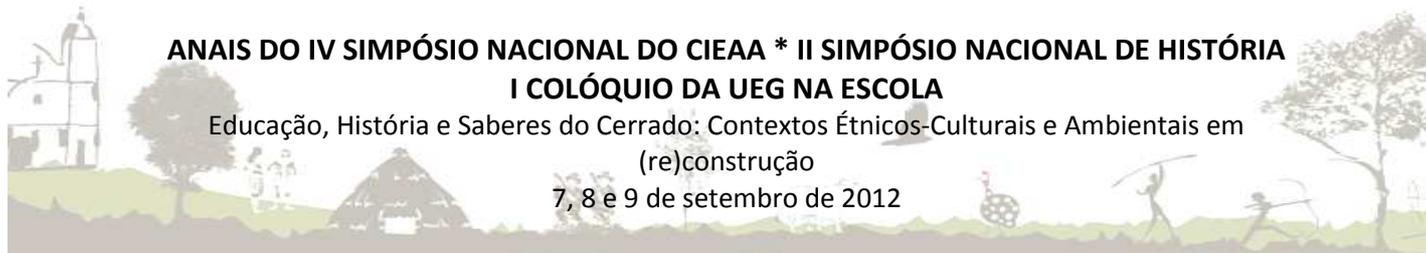
Não encontrando Ribeiro, os militares prenderam Dirce, que apesar de já ser mãe de três filhos menores foi algemada com as mãos para trás e jogada na carroceria de um caminhão, juntamente com outros camponeses. (2002, p.99)

Dona Dirce teve um papel importante nessa luta, pois, ao chegar a Formoso e Trombas, ajudou a difundir as ideias comunistas, foi uma líder das mulheres, levou “o comunismo para a cozinha” como disse Antônio Pereira da Costa, quando perguntada quem é Dirce. Teve filhos durante a revolta, e fala também sobre os inquéritos policiais como afirma ela: “eu respondi dois inquéritos policiais por causa do nome de meus filhos Kalininho e Lenina”. Foi presa resistiu a torturas na prisão, nesses momentos demonstrou convicção por seus ideais. Salientar para o leitor que, a entrevistada, apesar das agruras sofridas, ela conta suas histórias sem perder o bom humor, volta e meia ri de suas histórias.

Depois de passar por tudo isso Dona Dirce continuou demonstrando ser uma mulher combativa, forte e guerreira, as torturas sofridas na prisão não lhe abateu o espírito, pois, como afirma Abreu:

Anos mais tarde, o mesmo brilho nos olhos da menina que lia extasiada a biografia de Prestes podia ser percebido na respeitável senhora que na pracinha da vila leu o manifesto conclamando todos os brasileiros contrários à ditadura a se filiarem ao Movimento Democrático Brasileiro. Fundadora e líder do MDB em Formoso, Dirce elegeu-se vereadora e desempenhou o mandato com entusiasmo, a lisura e a competência de sempre. Mulher simples, valente, determinada, consciente da importância da participação das mulheres na luta por um futuro melhor, sem jamais descuidar de seus deveres de esposa, mãe e avó, Dirce machado é cidadã na mais abrangente acepção do vocábulo. (2002, p.99)

Estamos diante de uma descrição que se pressupõe verdadeira, por ela fica difícil perceber qualquer incoerência ou contradição nessa mulher. Sua utopia, suas ações e sua



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

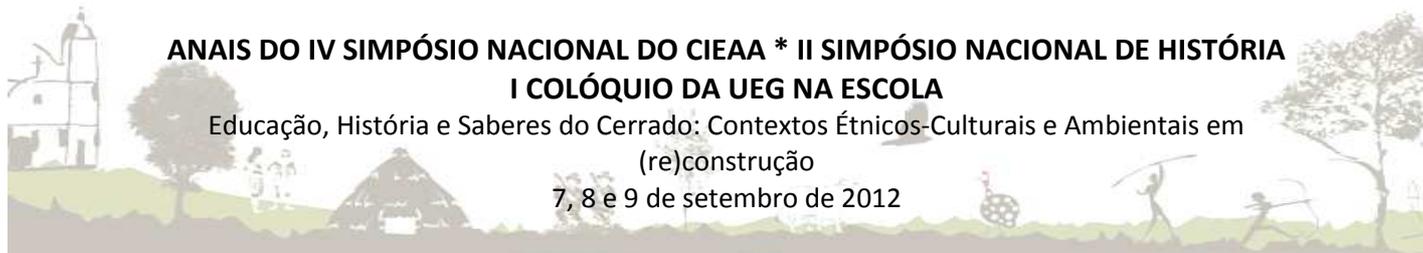
própria memória dificulta qualquer possibilidade de vê outra Dirce que não essa de sua própria memória e da afirmação de Abreu.

Dona Carmina Marinho, outra entrevistada, moradora de Trombas, ainda vive na mesma cidade, local onde se deu o conflito. Em sua entrevista, diz que era nova, na época com apenas 14 anos, quando se casou com Nelson Pereira Marinho. Menina nova, mas em sua memória reside uma mulher de muita coragem. Ao perguntar sobre sua atuação e das demais mulheres na revolta, ela respondeu:

eu era muito sapeca, a mais nova, teve um dia que nois ia em trombas de cavalo, era eu, a Dirce e a Joaquina,[...] ai nois viu uns cara, e nois pensô que era da polícia, ai nois falou vamos empariar e fomos pra cima deles, ai os cara correu, mais não era da polícia, mas correu.(Dona Carmina)

A narração desse episódio revela uma ousadia, uma determinação de quem estava disposta a defender o seu direito. E isso, talvez exponha algum grau de inocência, porque em meio ao conflito, se aqueles homens fossem policiais, para elas, o sonho pela posse da terra poderia ter terminado ali. Mas, preferimos entender o fato como um ato de coragem, uma atitude de quem defendia uma causa. Em respeito ao pedido da entrevistada, cortamos parte da resposta anterior.

Durante o conflito, Dona Carmina e seu marido mudaram para outro local, na mesma região. Nesta ocasião, segundo afirmou, os jagunços os perseguiam e ela “estava grávida e começou a passar mal e ficou trinta dias com o menino morto dentro dela sem poder ir a Trombas, pois os jagunços estavam vigiando a estrada, depois consegui ir até uma parteira que retirou o menino”. (D. Carmina)



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

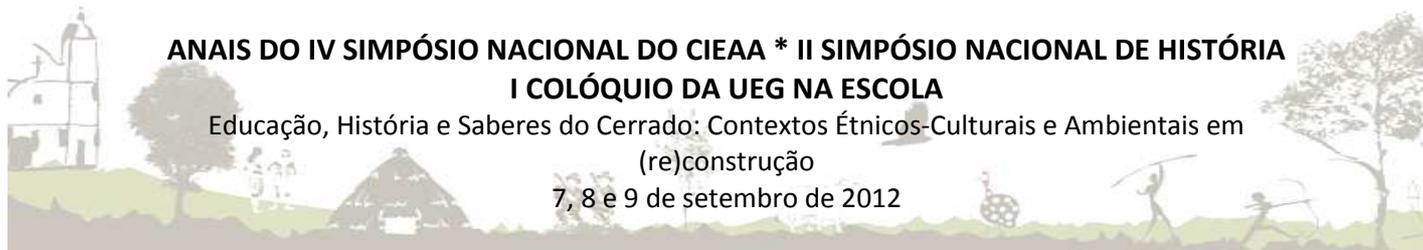
A participação na revolta marcou profundamente sua vida, sua família, o marido dela: “foi preso por duas vezes e torturado, adoeceu e perdeu tudo que tinha, uma das torturas era obrigado a beber urina com o próprio cabelo cortado a faca”.(D. Carmina) Com a prisão do marido, assumiu a administração da família. Sobre essa fase ela conta:

Os soldados chegaram em minha casa, exigiram frango, enquanto eles se afastaram, um dos filhos me disse que “o jornal de Cuba” estava na gaveta, assustada, ela disse resolvi: puxei divagarim o jornal, juntei com o papel de embrulho e palha de milho e botei no fogo para sapeca o frango, quando os quatro soldados sentiram o cheiro do papel queimado, eles me cercou e procuro o que a senhora ta queimano ai, que papel é esse? eu disse ocês num viram eu pega paia de milho? Então é pra sapecar o frango, ocês vão comer frango com penuje? Ai eles saíram.

Isso nos revela a consciência que tinham da importância de suas ações, e que a participação no conflito serviu de aprendizado para elas, pois como diz “se não tivesse participado não teriam esse coragem”. Não eram coadjuvantes, não viviam a apatia de quem não compreendia o que se passava com o campesinato da região.

A outra entrevistada, Dona Joana Pereira Marinho, casada com Raimundo Marinho, estes vieram do Maranhão para Trombas. Ela ainda reside nas terras onde ocorreu o conflito, na véspera de completar 80 anos, fala com muita garra sobre a luta que as mulheres estiveram envolvidas, ao lado dos companheiros:

foi uma luta com consciência pois eles queriam invadir o que era nosso, eu tive que levar minha mãe que tava com muito medo de ficar aqui, ai nois levou ela e eu voltei pra cá,(a casa em que viviam onde reside até agora) umas mulheres ficava com os meninos pequenos outras ia levar comida nos piquetes pros homens foi uma luta danada.



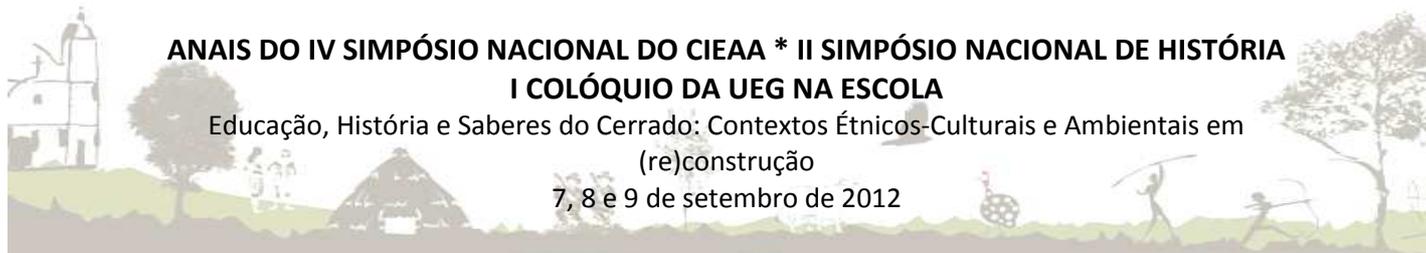
As mulheres adquiriram consciência que era preciso lutar durante a revolta, nas palavras de Dona Joana: “foi uma luta com consciência”, (como já foi mencionado) a resistência aos despejos (deixar seus ranchos) foi uma das formas de luta mais comum entre as mulheres enquanto tentavam permanecer na terra, resistindo à violência de jagunços e policias, criaram várias formas de segurança como afirma Abreu:

[...] as mulheres tiveram participação ativa na resistência. Por iniciativa própria criaram um eficiente sistema de segurança, que impedia a prisão dos ativistas. Uma toalha estendida na janela, uma fogueira na frente do rancho, por exemplo, eram o aviso que no interior da casa estavam os jagunços. (2002, p.36)

São ações como essas que ajudaram a entender e tipificar a resistência dessas camponesas que criaram formas de avisar seus companheiros sobre a presença dos jagunços, essas formas de segurança mostram as proezas dessas mulheres como participantes na luta armada.

A reflexão acerca dos papéis e da presença das mulheres na Revolta Camponesa de Formoso e Trombas conduzem á múltiplos significados inscritos nas relações sociais e de poder. Pensar as mulheres nesse processo é refletir sobre os campos das representações que atravessam práticas sociais, e, como afirma Laurentis (1994), produto de fabricação e engendramento instauradores de assujeitamentos.

O olhar sobre essas mulheres revela passagens que pontuam não apenas as dificuldades daquele tempo, a opressão moral, a ausência de direitos básicos, também o conflito possibilitou o rompimento que revelam a experiência de vida que esvaziam a



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

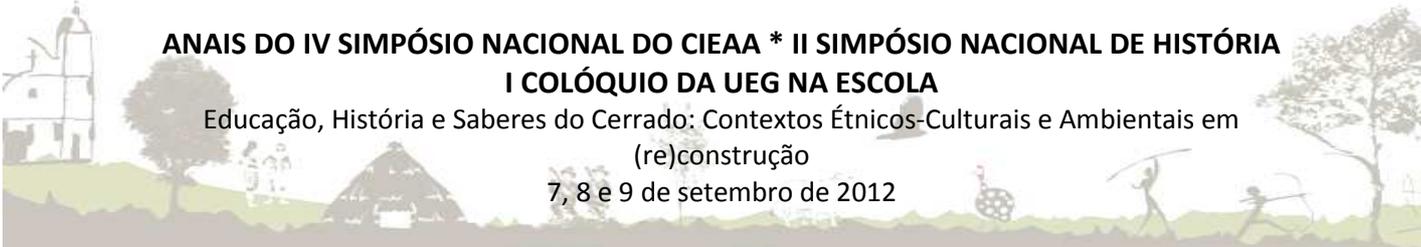
construção de estereótipos de mulheres dóceis, frágeis e dependentes, reproduzidas na cultura da época. Amado diz que,

[...] Sozinhas, tiveram que assumir integralmente o trabalho na roça e dar cobertura aos homens na guerra. Sob as piores condições possíveis elas plantaram, colheram, venderam, compraram, voltaram a plantar, cuidaram dos animais domésticos, consertaram as cercas, armaram-se, defenderam-se, tomaram decisões. Ao mesmo tempo continuaram a cozinhar, a lavar, a costurar, a tecer, a ter e criar filhos. E ainda alimentaram os homens e organizaram a retaguarda da guerra. Para as mulheres tentarem se tornar donas dos próprios destinos, elas tiveram que redefinir as características e o papel social de gênero feminino. (1993, p.62)

Referindo sobre as relações sociais de gênero e sua construção histórica, vê-se na atuação dessas mulheres que desafiava a sociedade vigente, uma redefinição de gênero. Deve-se ressaltar que a utilização da palavra gênero como distinta de sexo tem seu início a partir dos movimentos feministas, e sua definição, como diz Louro “não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas.” (1997, p.22) Compreender os gêneros não é compreender a construção de papéis masculinos e femininos, mas sim construção das identidades dos sujeitos, estando estas em constante formação e transformação.

A resistência que essas mulheres demonstraram ao integrar na revolta mostra consciência da importância dessa luta, fato que as levou a lutarem ao lado de seus companheiros. Percebe-se que o silêncio também foi uma forma de resistir contra os jagunços e a polícia. Apesar das agressões por parte dos jagunços como ocorreu com a Ita do Nego Carrero ao citar o depoimento de um camponês Carneiro diz:

A polícia com 10 homens, sabendo que todos os posseiros estavam escondidos foram direto pra casa do Nego Carreiro. A mulher do Nego, D.



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

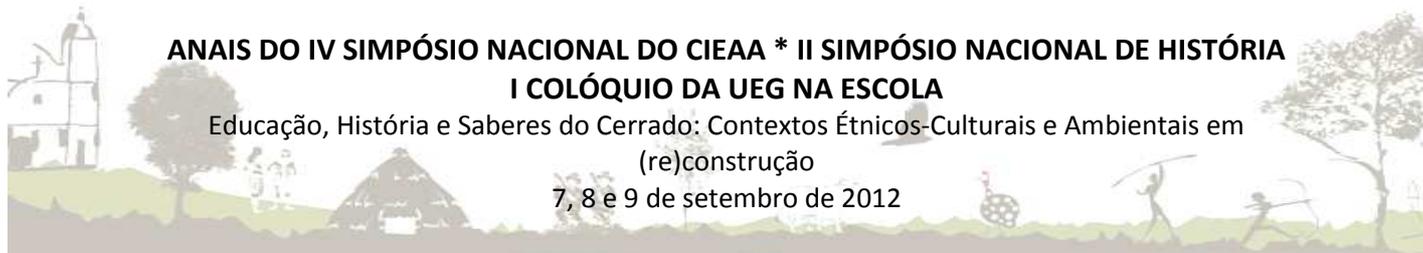
7, 8 e 9 de setembro de 2012

Ita, era responsável pelo suprimento dos esconderijos daquele dia. Ela estava fazendo paçoca. A polícia chegou batendo nos cinco filhos. Quando entraram foram logo pegando a panela e dizendo “e muita comida prá pouca gente da casa, você vai contar aonde ia levar a comida, porque essa nós é que vamos comer. Os policiais foram chegando e enfiando a mão na panela. A Ita era bem mulher do Nego, passou a mão na panela e jogou a paçoca toda no chão e foi logo dizendo: que era melhor jogar tudo fora do que os cachorros do governo comer.” Foi agarrada, espancada, despida e torturada de todo jeito na frente dos 5 filhos. As crianças avançaram nos policiais que deixaram todos na casa desmaiados. A tortura começou às 9 horas da manhã e terminou às 3 horas do outro dia. Eles torturavam para que a Ita contasse o esconderijo dos homens. Arrancaram todas as unhas da Ita, ela ficou uma poça de sangue e roxo, os meninos faziam pena vê. Só foram embora porque pensaram que ela estava morta. Ela não contou nada, e como estava de barriga de 5 meses, perdeu o menino. Mas a polícia não parou aí sabendo que os homens estavam no mato aproveitaram mesmo. (1988, p.141)

Assim, conforme Carneiro afirma e Dona Dirce reforça ao falar da Ita do Nego Carrero: “A Ita do Nego Carrero, pegaram ela espancaram até ela abortar e o marido ela sabia que tava dentro da cisterna e ela não denunciou, eu mesmo fiz curativo nas costas da Ita do Nego Carrero.”

Muitas mulheres silenciaram para resguardar o companheiro, esse silêncio também foi uma das armas delas. Pois, sofriam as agressões, mas não entregavam seus companheiros, isso ajudou os camponeses a resistirem aos ataques dos grileiros e depois dos militares, podem ser consideradas a voz e o silêncio da resistência.

Por essa razão, esse trabalho procura tirar dos subterrâneos da historiografia goiana, a história de mulheres que permanece no silêncio em razão da construção do lugar da mulher. Se aquelas camponesas quebraram paradigmas, esse artigo pretende quebrar um bocadinho desse silêncio que impede sua presença na escrita da história. Para tanto, é preciso visualizá-las nos pequenos vestígios daquele combate, e nos traços deixados por elas.



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

CONSIDERAÇÕES FINAIS

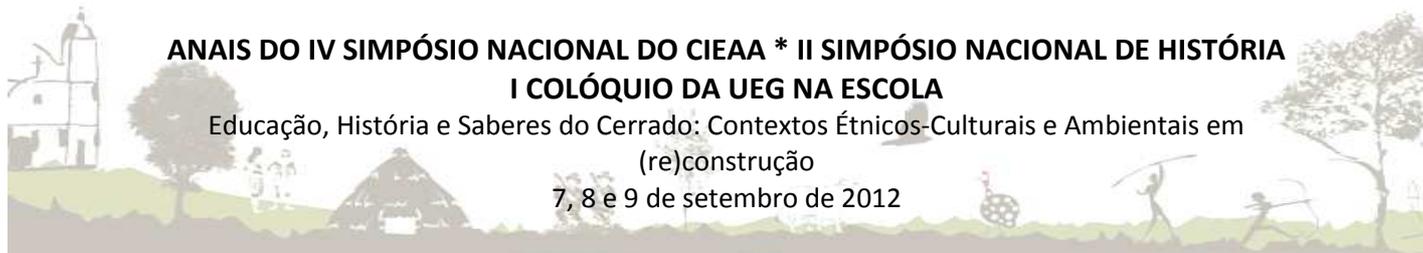
Ao longo deste trabalho realizamos uma investigação sobre a atuação das mulheres na Revolta Camponesa de Formoso e Trombas. Pelo que foi constatado durante a pesquisa, percebemos que a atuação delas se deu em muitas frentes. A partir dos dados apresentados é possível apreender que os papéis das mulheres que participaram da revolta camponesa, foram diversos e em muitos momentos, “foram à voz e o silêncio da resistência”.

Apesar da revolta não ter sido desencadeada por elas, a atuação feminina no conflito foi além do que a historiografia registrou. As mulheres que participaram da revolta demonstraram grande resistência e desempenharam relevantes atividades. Diariamente, conviveram com os perigos e enfrentaram junto com os companheiros as mesmas dificuldades.

Com muita determinação mostraram ao mundo que não são seres frágeis e submissos, ao contrário quando movidas por uma força, um ideal, uma escolha política, ultrapassam as fronteiras tidas como sendo o reduto masculino, protagonistas de uma bravura supostamente do homem. Verificamos que a luta pode de várias formas, superar os limites do sexo. Segundo a camponesa Dona Joana “a melhor coisa do mundo é lutar consciente.”

Com essa pesquisa, cremos que tivemos possibilidade de “descortinar” a atuação histórica e as ações das mulheres na revolta camponesa, mostrando-as não apenas como objeto, mas também agentes e sujeitas da história.

Portanto, a história destas mulheres não se esgota com este trabalho. Ao contrário, aqui se abre uma vertente de estudos, pois há muito, ainda, que se buscar sobre essas mulheres



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

guerreiras que nos anos 50, desafiaram as regras da sociedade vigente e se puseram na dianteira da revolta camponesa de Formoso e Trombas.

As entrevistadas mostraram que tiveram uma atuação direta e decisiva em muitos momentos que se tornaram marcos histórico desse movimento social. Mulheres comunistas, mulheres sertanejas com pouca escolaridade, não havia distinção, seus atos e feitos, quebraram naquela “guerra” a divisão binária da sociedade que atribui a homens e mulheres diferenciados papéis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Sebastião. *De Zé Porfírio ao MST. A luta pela terra em Goiás*. Brasília: André Quicé Editor, 2002.

AMADO, Janaína. *Eu Quero Ser Uma Pessoa: Revolta Camponesa E Política no Brasil*. Revista de Cultura. Artigos e Ensaios., n 5, 1993.

BONAZZI, Chantal de Tourtier. Arquivos Metodológicos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

CARNEIRO, Maria Esperança Fernandes. *A Revolta Camponesa de Formoso e Trombas*. Goiânia, UFG, 1988.

CARVALHO, Maria Meire. Vivandeiras: Mulheres na Marcha da Coluna Prestes. *Revista Fragmentos de Cultura*. Goiânia: UCG, v.13, n.3, maio/junho 2003.

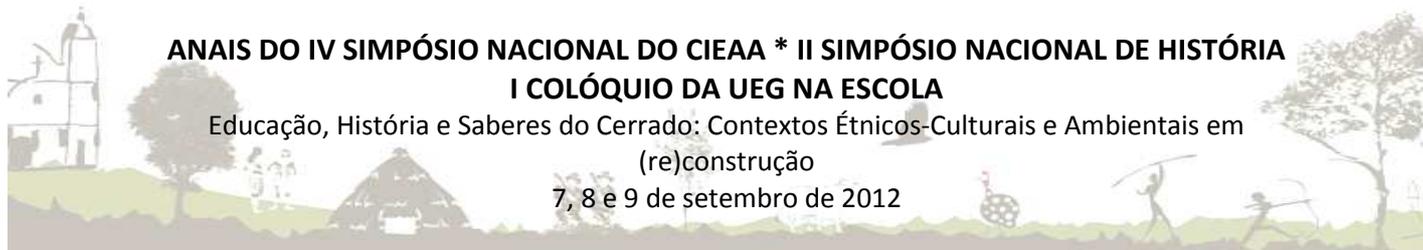
CUNHA, Paulo Ribeiro Da. *Aconteceu longe Demais. A luta pela terra dos posseiros em Formoso e Trombas e a revolução brasileira 1950-1964* São Paulo: UNESP, 2007.

LAURENTIS, Tereza. *A Tecnologia Gênero*. In: Holanda, H.B. de. *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. *Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

MARTINS, José de Souza. *Os Camponeses e a Política no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1981.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Por uma história da mulher*. São Paulo: Edusc, 2000



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção
7, 8 e 9 de setembro de 2012

Perrot, Michelle. *As Mulheres e os Silêncios da História*. Bauru: EDUSC, 2005.

SOBRINHO, José Fernandes. *Vivências no Agreste*. Goiânia: Editora Bandeirantes, 1997.

SOIHET, Rachel. *História das Mulheres*. In: FLAMARION, Ciro e VAINFAS, Ronaldo, org. *Domínios da História - Ensaio de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. P.276.